



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IX-
BARREIRAS
CURSO DE PEDAGOGIA

GREICE KELLE MENDES DE SOUZA
KALINE BARRETO CARVALHO

CAMINHOS PARA ALFABETIZAR: procedimentos metodológicos
utilizados por uma professora de escola pública do município de Luís
Eduardo Magalhães - Bahia

BARREIRAS-BA

2021

GREICE KELLE MENDES DE SOUZA
KALINE BARRETO CARVALHO

CAMINHOS PARA ALFABETIZAR: procedimentos metodológicos utilizados por uma professora de escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães – Bahia

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia- UNEB -Departamento de Ciências Humanas – Campus IX como requisito parcial para a conclusão de Curso para obtenção de título de graduação do Curso de Pedagogia – Docência e Gestão.

Orientadora: Professora Ma. Emília Karla de Araújo Amaral.

BARREIRAS-BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S729c

Souza, Greice Kelle Mendes de

Caminhos Para Alfabetizar: procedimentos metodológicos utilizados por uma professora de escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães - Bahia / Greice Kelle Mendes de Souza, Kaline Barreto de Carvalho. - Barreiras, 2021.

53 fls.

Orientador(a): Emilia Karla de Araújo Amaral.

Inclui Referências

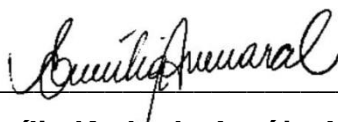
TCC (Graduação - Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia.

CDD: 372

GREICE KELLE MENDES DE SOUZA
KALINE BARRETO CARVALHO

CAMINHOS PARA ALFABETIZAR: procedimentos metodológicos
utilizados por uma professora de escola pública do município de Luís
Eduardo Magalhães – Bahia

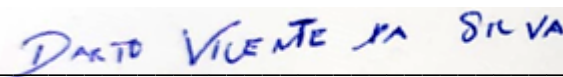
Monografia avaliada e apresentada em 18/06/2021 pela comissão formada
pelos seguintes professores:



Professora Ma. Emília Karla de Araújo Amaral (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Professora Ma. Débora Anunciação da Silva Bastos Cunha
Universidade do Estado da Bahia



Professor Dr. Darto Vicente da Silva
Universidade do Estado da Bahia

BARREIRAS-BA

2021

Dedicamos este trabalho às nossas famílias que sempre nos apoiaram em nossa jornada de conhecimento, aos nossos professores que nos ensinaram e nos fizeram crescer e aos nossos colegas de turma que fizeram parte dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me concedeu a realização de mais esse sonho e me deu forças para seguir até o fim. Aos meus pais Edenilde e Antônio e aos meus irmãos Priscila e Gesiel que sempre me apoiaram e me ajudaram durante essa jornada. Ao meu filho Pedro Henrique por suportar os momentos de minha ausência. A minha amiga Kaline que sempre esteve comigo durante todos esses anos de graduação.

Agradeço imensamente à Universidade do Estado da Bahia, Campus IX que me proporcionou muito conhecimento e crescimento pessoal. Aos docentes do curso de Pedagogia, pois contribuiriam de forma significativa para minha aprendizagem, me fazendo crescer não apenas enquanto estudante e profissional, mas principalmente como ser humano, em especial a nossa orientadora Prof. Ma Emilia Karla Amaral que nos ajudou e contribuiu a realizar essa etapa. Sou infinitamente grata, obrigada a todos!

Greice Kelle Mendes de Souza

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado força e coragem durante toda esta caminhada. Aos meus pais Gilson e Lindinalva, pelo amor, carinho, e ensinamentos e por depositarem em mim toda confiança e por não medirem esforços para que eu pudesse ter oportunidades de estudar, sempre com muito amor e zelo no decorrer da minha trajetória escolar em toda minha vida.

A meu irmão Joao Vitor que sempre foi tão presente em minha vida por todo auxílio e carinho. A meu esposo amado Wesley e meu pequeno Pedro Miguel, minha família, amores incondicionais da minha vida por quem enfrento tudo!

A minhas querida sogra Ivaneide e cunhada Naane por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial. A Greice Kelle, minha amiga e companheira nesse projeto por todo carinho e paciência, sem ela nada disso seria real, minha eterna gratidão por cada detalhe. A nossa orientadora Emília Karla por toda ajuda e orientação nesse trabalho e contribuição em minha formação.

E por fim, meu muito obrigada a todos que de alguma forma contribuíram no meu processo acadêmico.

Kaline Barreto Carvalho

“Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa”.

(EMÍLIA FERREIRO)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar os procedimentos metodológicos utilizados por uma professora alfabetizadora atuante no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães – Bahia. A metodologia utilizada na pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de campo. Além das observações efetuadas, aplicamos um questionário com 9 questões objetivas e subjetivas à professora participante, como forma de entender a sua escolha pelos procedimentos metodológicos utilizados, suas expectativas e dificuldades no fazer pedagógico. Como marco teórico nos baseamos nos estudos de Ferreira e Teberosky (1999) Cagliari (1998), Soares (1999, 2004), Bordignon e Paim (2017), Galvão e Leal (2005), entre outros. As considerações finais apontam que a professora não utiliza apenas uma metodologia, mas usa métodos mistos, aplicando métodos sintéticos e analíticos em sua prática pedagógica, evidenciando assim, que todos os métodos têm seus fundamentos, privilegiar um e subestimar os demais é um equívoco que devemos superar. Nesse sentido, proporcionar uma alfabetização articulada ao letramento é o que vai fazer a diferença na escolarização das crianças.

Palavras-chave: procedimentos metodológicos; alfabetização; letramento

ABSTRACT

This paper aims to present the results of research that propose to analyze the methodological procedures used by a literacy teacher working in the 1st year of elementary school in a public school in the municipality of Luís Eduardo Magalhães - Bahia. In the methodology used in the research, we opted for a qualitative approach, such as a field study. In addition to the observations made, addition to the observations made, we applied a questionnaire with 9 objective and subjective questions to the participating teacher, as a way of understand her choice for the methodological procedures used, her expectations and difficulties in teaching. As a theoretical framework we based on the studies of Ferreiro and Teberosk (1999) Cagliari (1998), Soares (1999, 2004), Bordignon and Paim (2017), Galvão and Leal (2005), among others. The final considerations indicate that the teacher doesn't use only a methodology, but uses mixed methods, applying synthetic and analytical methods in her pedagogical practice, these practices show that all methods have their fundamentals, we can't privilege one and underestimate the other, this is a mistake that we must overcome. In this context, providing literacy linked to the development of reading and writing is what will make a difference in children's education.

Keywords: methodological procedures; initial reading instruction; literacy

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEA – Sistema de Escrita Alfabética.

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
---------------------------	-----------

CAPITULO I

2. REVISÃO DA LITERATURA	14
---------------------------------------	-----------

2.1 A COMUNICAÇÃO POR MEIO DA LINGUAGEM ESCRITA.....	14
2.2 HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	15
2.3 CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	18
2.4 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	22
2.5 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	29

CAPÍTULO II

3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	30
--	-----------

3.1 PESQUISA DE ABORDAGEM QUALITATIVA	30
3.2 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	32
3.3 PARTICIPANTES.....	33
3.4 INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS	33
3.5 ÉTICA EM PESQUISA.....	35

CAPÍTULO III

4. ANALÍSE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	36
--	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIA	46
-------------------------	-----------

APÊNDICES	49
------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que tem como temática “Caminhos para alfabetizar: procedimentos metodológicos utilizados por uma professora de escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães – Bahia”, emergiu a partir da participação nas aulas ministradas do componente curricular Processos de Alfabetização, no Curso de Pedagogia, do *Campus IX*, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A partir das discussões realizadas em sala de aula e dos estudos da Psicogênese da Língua Escrita e de outras teorias sobre alfabetização e letramento, ficou mais evidenciada a grande importância do processo de ensino-aprendizagem, mais precisamente, do processo de alfabetização de nossos alunos.

Sabe-se que o processo de alfabetização é de suma importância para o desenvolvimento da criança, sendo uma base para todas as etapas de sua vida estudantil. Para que essa base seja sólida e fecunda, o ensino deve ser conduzido de maneira intencional e sistematizada e o professor é o responsável por propiciar esse aprendizado. Nesse contexto, faz-se necessário que o educador possua conhecimentos específicos na área e conduza seu aluno à alfabetização através de procedimentos metodológicos bem definidos.

Diante disso, instigou-nos a curiosidade a respeito da problemática, a saber: quais são os procedimentos metodológicos utilizados por uma professora alfabetizadora atuante no 1º ano do ensino fundamental em uma escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães – Bahia? Temos como objetivo geral analisar os procedimentos metodológicos utilizados por uma professora alfabetizadora atuante no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães - Bahia, e como objetivos específicos, compreender melhor como ocorre o processo de aquisição do sistema de escrita alfabética (SEA), conhecer as principais metodologias de alfabetização ao longo da história e identificar as metodologias utilizadas pela professora.

Como marco teórico nos baseamos nos estudos de Ferreiro e Teberosk (1999) Cagliari (1998), Soares (1999, 2004), Bordignon e Paim (2017), Galvão e Leal (2005), entre outros. Quanto ao percurso metodológico, o estudo realizado é definido como pesquisa qualitativa, do tipo estudo de campo, realizado por meio da observação participante. Buscamos nos inserir no contexto da sala de aula para vivenciar a alfabetização de uma turma de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental, para irmos além da pesquisa bibliográfica. Posteriormente, aplicamos um questionário à docente e fizemos a análise dos dados coletados.

O presente estudo foi estruturado em três capítulos, a saber: o primeiro apresenta a comunicação por meio da linguagem escrita, trazendo uma retrospectiva de como o desenvolvimento da leitura e da escrita era visto ao longo dos anos. Também abordamos os conceitos de alfabetização e letramento, explicitando as especificidades de cada um e a importância de se conhecer esses processos. Concluímos o capítulo discorrendo sobre os métodos de alfabetização desenvolvidos ao longo da história.

O segundo capítulo trata da metodologia utilizada, fizemos um relato da problemática da pesquisa e apresentamos os principais questionamentos que foram feitos durante a pesquisa à professora, além de descrever a forma como foi realizada a investigação, considerando sempre o contexto de realização da pesquisa e os participantes. Nesse capítulo também apontamos os instrumentos utilizados para coletas de dados e ressaltamos a importância da ética em pesquisa com seres humanos.

No terceiro capítulo, “Análise e interpretação dos dados”, buscamos promover um diálogo com os dados obtidos, confrontando-os com o nosso referencial teórico, a fim de chegarmos a uma interpretação desses dados, a partir da problemática apresentada.

Por fim, as considerações finais retomam, sinteticamente, as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho, explanando o resultado obtido e sua relevância para a sociedade. É destacada a importância de se conhecer os conceitos de alfabetização e letramento e de se compreender que ambos são indissociáveis e necessários para que haja um aprendizado significativo. Quanto aos métodos de alfabetização, todos têm seus fundamentos e podem ser utilizados, a depender do contexto. Privilegiar um e subestimar os demais são equívocos que precisam ser superados. Dessa maneira devemos articular os conhecimentos e alfabetizar letrando, fazendo uso competente da língua escrita, pois esses são caminhos para superarmos a problemática do fracasso escolar.

CAPITULO I

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A COMUNICAÇÃO POR MEIO DA LINGUAGEM ESCRITA

A leitura e a escrita são práticas sociais muito antigas. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano sente a necessidade de se comunicar, para além da oralidade. A princípio eram desenhos rupestres, registrados em cavernas que cumpriam essa função. Eles traziam em suas pinturas a simplicidade do dia a dia das sociedades primitivas como a caça e até mesmo as situações sociais vivenciadas pelas tribos.

Com a evolução das sociedades, também evoluiu a comunicação por meio da linguagem escrita. Assim, os simples desenhos em paredes tornaram-se insuficientes para abranger suas demandas, surgindo assim o sistema de escrita.

Segundo Cagliari:

De acordo com os fatos comprovados historicamente a escrita surgiu do sistema de contagem feito com as marcas em cajados ou ossos, e usado provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar símbolos para os produtos e para os nomes dos proprietários (CAGLIARI, 1998, p. 14).

Nesse sentido, diante da necessidade de controlar a compra e venda de produtos e animais, o homem precisou desenvolver um meio de registrar de maneira eficaz essas transações, criando assim símbolos para representar as coisas. Segundo Cagliari (1998), nessa época, aquele que compreendia o significado dos símbolos e conseguia escrevê-los era tido como alfabetizado.

A partir dos símbolos, outros modos de escrita foram inventados, pois a que existia já não era mais suficiente para dar conta de representar a expansão da linguagem. E os símbolos deixaram de retratar apenas as coisas e passaram a retratar os sons da fala (CAGLIARI, 1998). Para o autor:

quem inventou a escrita inventou, ao mesmo tempo, as regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está

escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade (CAGLIARI, 1998, p. 12).

Nesse contexto, com o processo de evolução da escrita também regras de alfabetização foram sendo necessárias para garantir que os leitores compreendessem os escritos, para assim poder utilizá-los de maneira correta (CAGLIARI, 1998).

2.2 HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

As primeiras escolas brasileiras funcionavam em salas adaptadas, com classes multisseriadas. O funcionamento era precário e os recursos materiais eram escassos. Dessa forma, a escola subsistia pautada apenas no empenho do professor e dos alunos. A partir da segunda metade do século XIX, foram introduzidos alguns materiais impressos para o ensino da leitura, vindos da Europa, as chamadas “cartas de ABC” para o ensino da leitura e escrita, para só após utilizar outros documentos manuscritos (MORTATTI, 2006).

A autora afirma que para o ensino naquela época eram utilizados:

Métodos de marchas sintético (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p.5).

Historicamente, a educação no Brasil só passou a receber uma maior atenção após o final do século XIX, com a Proclamação da República. A escola então tornou-se um lugar institucionalizado, com a função de preparar as novas gerações, atendendo também aos ideais do novo Estado-Nação Republicano, instaurando uma nova ordem política e social. Assim, a universalização da escola

possibilitou a ampliação do ensino para as classes menos favorecidas, sendo de suma importância para modernização e progresso da nação (MORTATTI, 2006).

Nesse sentido, saber ler e escrever, que antes eram práticas restritas a poucos, tornou-se o principal objetivo de aprendizagem após a universalização da escola. Segundo Mortatti (2006, p.3) “as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados”.

Nesse contexto, o anseio pelo ensino da leitura e escrita deram origem a disputas de métodos e tipos de ensino. Para Bordignon e Paim “a organização republicana, foi alvo de grandes disputas entre os métodos de leitura e de escrita. Nela vigorou a utilização de cartilhas” (2017, p. 55). As primeiras cartilhas produzidas no Brasil, datam do final do século XIX.

Maciel afirma:

aliado ao monopólio e expansão da Livraria Francisco Alves e aos anseios nacionalistas dos republicanos, que reivindicavam uma educação nacional em um sentido pleno, a começar pelos livros de leitura, os autores brasileiros vão consolidando o campo da produção didática. Assim, a quase inexistente produção do início dos anos 50 do século XVIII, ganhou impulso a partir da segunda metade do final do século XIX (MACIEL, 2002, p.150).

Essas cartilhas eram resultado de experiências de professores brasileiros, especialmente fluminenses e paulistas e baseavam-se no método de marcha sintético (de soletração, fônico e de silabação) sendo utilizados pelo território nacional (MORTATTI, 2006). Em 1876 foi publicada em Portugal a cartilha nomeada *Cartilha Maternal*, escrita pelo poeta português João de Deus, sendo difundido em muitas províncias do Brasil. De acordo Oliveira, a cartilha:

propõe um ensino fundado na língua viva, apresentando somente um abecedário, que deve ser ensinado por partes, de modo a formar palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem, segundo o próprio autor, fazendo que, ao invés de o principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis. O método também não admite o uso dos silabários que, na opinião do autor, são séries de combinações mecânicas que não penetram na ideia, e que se constituem em exercícios longos de pura intuição visual, levando à amputação moral contrária à natureza (OLIVEIRA, 1998, p. 50).

Nesse método, João de Deus propõe uma nova forma de leitura, partindo da palavra. Mortatti (2006, p.6) afirma que “o “método João de Deus” ou “método da

palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisa-la a partir dos valores fonéticos das letras”. O autor faz críticas à soletração tradicional. Segundo Oliveira:

na exposição das lições, João de Deus mostra-se bastante preocupado com seu discurso, no sentido de convencer o leitor de que o seu método seria a solução para o problema da instrução primária e que sua utilização traria para a escola agilidade, ânimo e principalmente simplicidade (OLIVEIRA, 1998, p. 53).

Mortatti relata que na década de 1890 tem início disputas entre os defensores dos métodos sintéticos e o método de João de Deus. A autora afirma:

com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se o como ensinar metodicamente, relacionado com o que ensinar; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem linguística (da época) (MORTATTI, 2006, p. 6).

Ainda na década de 1890, houve a reforma da instrução pública no estado de São Paulo, iniciando com a reforma da Escola Normal de São Paulo. A base da reforma estava relacionada aos novos métodos de ensino, em especial ao analítico. Nessa reforma, professores formados pela Escola Normal defendiam e divulgavam pelo Brasil o método analítico.

Posteriormente as cartilhas começaram a ser produzidas baseadas no método de marcha analítico (processos de palavração e sentencição), acirrando uma disputa entre os defensores do método analítico e dos tradicionais métodos sintéticos (MORTATTI, 2006).

A partir de 1930, os métodos mistos e ecléticos de alfabetização ganharam destaque, sendo relativizados e secundarizados sobre a sua importância. Também a partir dessa época começou a se produzir cartilhas, com abordagem destes métodos mistos, principalmente após a disseminação dos testes ABC, de Lourenço Filho. Os testes eram aplicados com a finalidade de “medir o nível de maturidade necessário ao aprendizado da leitura e da escrita, visando à maior rapidez e eficiência na alfabetização” (MORTATTI, 2000, p. 45). A autora destaca

o como ensinar encontra-se subordinado à maturidade da criança e as questões de ordem didática, às de ordem psicológica. Observa-se, no entanto, embora com outras bases teóricas, a permanência da função instrumental de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, entendidas

como habilidades visuais, auditivas e motoras; e começam a se produzir os manuais do professor acompanhando as cartilhas, assim como se dissemina a ideia da necessidade de um “período preparatório” (MORTATTI, 2000, p. 45).

Em virtude de novas demandas políticas e sociais e da necessidade de enfrentar o fracasso escolar na alfabetização, incorporou-se em nosso país, a partir de 1980, o pensamento construtivista. Mortatti (2006, p.10) salienta

introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas.

Nesse sentido, a partir da ampla divulgação desse pensamento, iniciou-se uma grande produção de cartilhas denominadas construtivistas ou socioconstrutivistas. De acordo com Franco e Raizer, “a apropriação do construtivismo foi uma tendência pedagógica verificada em todo o país, como solução para as dificuldades encontradas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura e escrita” (FRANCO E RAIZER, 2012, p. 785).

É notório que, desde a implementação da universalização da escola até os dias atuais, a necessidade de alfabetizar as crianças têm sido motivo de muitas discussões e a busca por métodos melhores e mais eficazes têm gerado muitas disputas entre os defensores de um ou outro método. Atualmente, as discussões ainda estão em torno de um “novo” fenômeno, o letramento, que já não é mais tão novo. Busca-se a formação de alunos que leiam e interpretem com competência, e que o ensino seja pautado em práticas reais de leitura, buscando assim o enfrentamento da problemática do fracasso escolar na alfabetização.

2.3 CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O conceito tradicional de alfabetização define que este processo consiste na prática de ensinar a ler e escrever (decodificar e codificar grafias). Por muito tempo,

o foco das escolas era apenas fazer com que crianças aprendessem a ler e escrever, sem necessariamente promover uma ligação com práticas sociais de leitura. De acordo com Soares (2004), o conceito de sujeito alfabetizado que vigorou até o Censo de 1930 era aquele indivíduo que declarasse saber ler e escrever, o que era entendido como ler e escrever o próprio nome. A partir do Censo de 1950, o conceito de alfabetizado passou a ser aquele indivíduo que sabia ler e escrever um bilhete simples.

Posteriormente, para ser considerado alfabetizado, não bastava apenas saber ler e escrever um pequeno texto, mas também saber fazer uso de habilidades de leitura e escrita, caminhando assim para o conceito de letramento (SOARES, 2004). Para Bordignon e Paim:

a alfabetização, enquanto etapa da escolaridade em que os sujeitos se apropriam, mais especificamente de aprendizagem da leitura, e da escrita imersos em uma sociedade letrada, passa a ser foco de preocupação, não somente de educadores, mas de outros setores da sociedade. Afinal, tendo em vista as necessidades sociais, não basta ao sujeito saber ler e escrever, ele precisa fazer uso das práticas de leitura e escrita nos mais diversos contextos em que se insere. Assim a partir das inquietações acerca das carências da alfabetização frente às diferentes demandas da sociedade do século XX e XXI, chega ao Brasil, na década de 1980, o conceito de letramento (BORDIGNON; PAIM, 2017, p. 58).

Outro conceito de alfabetização menos tradicional consiste em uma abordagem diferenciada, pois apesar de utilizar procedimentos metodológicos sistematizados ele substitui os antigos textos descontextualizados por uma diversidade de gêneros textuais.

Para que o educando adquira uma aprendizagem significativa, o professor deve percorrer um caminho utilizando de estratégias didáticas com objetivo de alfabetizar com eficácia o seu aluno. Porém, esse conceito de alfabetização se difere do tradicional, pois ao invés de utilizar em sua metodologia textos vazios de sentidos e repetitivos como, por exemplo, as antigas cartilhas alfabetizadoras, ela busca agregar e utilizar textos de uso social de maneira integrada e contextualizada, que levam o aluno a ler e também interpretar com eficiência. Nesse sentido, Galvão e Leal afirmam que:

diferentes pesquisas têm demonstrado que é possível e necessário alfabetizar com uma diversidade de textos de uso social, sem o uso de cartilha, incentivando os alunos a produzir e a interpretar textos de circulação social, estimulando-os a compreender seu uso, colocando

enfim os aprendizes em interpretação entre si de tal forma que todos os alunos possam ditar textos, corrigir, refazer seus textos e os de seus companheiros (GALVÃO; LEAL 2005, p.13).

Ainda segundo as autoras:

para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade a reflexão sobre a língua, que o leve enfim a transformar informações em conhecimento próprio. É utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 14-15)

Nesse contexto, essa vertente de alfabetização reforça a importância do professor ou professora traçar caminhos metodológicos, utilizando-se de métodos sistematizados para que o aluno de fato seja alfabetizado, porém ressalta a necessidade de utilizar textos reais que fazem parte de práticas sociais e possibilitem a aprendizagem significativa e transformadora do alunado.

A partir de 1980, a necessidade de nomear as competências relacionadas às habilidades de leitura e escrita nas práticas sociais para diferenciar do fenômeno alfabetização, passou a ser mais evidente nas discussões da área. O conceito de alfabetização não era suficiente para denominar o uso social dessas práticas, surgindo assim o termo letramento. Segundo Soares:

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização (SOARES, 2004, p.96)

Ainda segundo a autora, essa necessidade de um termo diferente surgiu devido ao fato de aparecer algo novo, “um fenômeno que não existia antes ou, se existia não dávamos conta dele, e como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele” (SOARES, 1999, p.34).

A palavra letramento é uma tradução da palavra inglesa *literacy*, que significa “que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e escrita” (SOARES, 1999, p.36).

Nesse sentido, ser alfabetizado, muitas vezes, não indica que o sujeito domine as práticas de leitura e escrita, pois apesar de ler e escrever, não consegue

fazer uso competente dessas habilidades nas situações sociais. A mídia brasileira e as produções acadêmicas denominam esse indivíduo como “analfabeto funcional”, aquele que possui dificuldades para compreender e interpretar textos. Dessa forma, o sujeito pode ser alfabetizado, mas não suficientemente letrado.

Nessa perspectiva, uma pessoa letrada possui mais conhecimentos sociais e culturais e, por isso, tem uma vivência diferenciada em sociedade. Segundo Soares:

tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto, por exemplo: pesquisas que caracterizam a língua oral de adultos antes de serem alfabetizados e a compararam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequência mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário (SOARES, 1999, p. 37).

Nesse contexto, Soares (2004) afirma que no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se confundem, pois, o conceito de letramento está enraizado ao de alfabetização, sobretudo em pesquisas relacionadas ao analfabetismo. Soares afirma que:

nos casos das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de *alfabetização funcional* da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita (SOARES, 2004, p.7).

A autora ainda ressalta que “a mídia vem, pois, assumindo e divulgando um conceito de alfabetização que o aproxima do conceito de letramento” (SOARES, 2004, p.8). Nas produções acadêmicas também têm sido muito confundidos os dois conceitos, prevalecendo o conceito de letramento em detrimento ao de alfabetização, a autora denomina esse fato como apagamento da alfabetização ou “desinvenção” da alfabetização. Para Soares (2004), isso ocorre “provavelmente devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização, esses dois processos têm sido frequentemente confundidos e até mesmo fundidos” (SOARES, 2004, p. 97).

De fato, ambos os fenômenos são indissociáveis, e a aquisição da leitura e escrita está atrelada aos dois processos, ou seja, que devem ser trabalhados juntos, para que a criança possa aprender a ler e escrever, assim como ter domínio e saber utilizar a leitura e a escrita em práticas sociais e situações reais como leituras de livros, revistas, panfletos, receitas, placas, e-mails, e tantos outros textos presentes no dia a dia.

Mas, é necessário saber diferenciar os dois fenômenos, pois a “desinvenção” da alfabetização, segundo Soares, tem sido um fator que vem contribuindo para o fracasso escolar no ensino da língua escrita. A autora afirma, que:

a perda de especificidade do processo de alfabetização, nas duas últimas décadas, é um entre os muitos e variados fatores, que pode explicar esta atual “modalidade” de fracasso escolar em alfabetização (SOARES, 2004, p.9).

Além disso, há uma visão errônea de que, se a criança estiver em um ambiente cheio de material escrito, ou seja, um ambiente alfabetizador, a criança já se alfabetiza, desconsiderando dessa forma que é necessário ter uma aprendizagem sistemática. Soares ressalta que:

acrescente-se a esses equívocos e falsas inferências o também falso pressuposto, decorrente deles e delas, de que apenas através do convívio intenso com o material escrito que circula nas práticas sociais, ou seja, do convívio com a cultura escrita, a criança se alfabetiza. A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecido pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade (SOARES, 2004, p.11)

É importante ressaltar que não podemos dissociar os fenômenos, mas buscar entender a importância de ambos no processo de aquisição da leitura e escrita, para que desta forma o processo ocorra de forma satisfatória e o educando desenvolva as habilidades e competências de leitura e escrita nas práticas sociais.

2.4 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Alfabetização é o processo que envolve o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. Apesar de as crianças já terem contato com a leitura e escrita antes

mesmo de chegar à escola, esse processo deve se dar sistematicamente e intencionalmente dentro das instituições de ensino. Embora haja esforços para ensinar as crianças a ler e escrever, a dificuldade em alfabetizar tem sido um grande problema enfrentado em nosso país. Diversos são os fatores que levam a essa problemática, porém um dos motivos apontados por especialistas para essa dificuldade é a questão dos métodos. Mortatti afirma que:

em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, e torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com “antigas” e “novas” explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública. (MORTATTI, 2006, p.1)

Ao longo da história, diversos métodos de alfabetização foram sendo propostos com o objetivo de ensinar a criança a ler e escrever de maneira satisfatória. Cada método que surgia era considerado novo e melhor. Segundo Galvão e Leal

método é um caminho que conduz a um fim determinado. O método pode ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo (Galvão; Leal, 2005, p.17).

Um dos primeiros métodos de alfabetização trabalhados no Brasil iniciou com o uso das cartilhas. Primeiramente, as cartilhas utilizadas eram oriundas da Europa e tinham cunho religioso. Só a partir do final do século XIX começaram a ser produzidas no Brasil. Durante as aulas “iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas ‘cartas do ABC’ e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos” (MORTATTI, 2006, p.5). Ainda segundo Mortatti:

para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (métodos da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, está se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p. 5).

Nesse sentido, o ensino era baseado na cópia e repetição, e o aluno era visto como alguém que não possuía conhecimentos educacionais e deveria recebê-lo do único detentor do saber dentro da sala de aula: o professor. Nesse método, usavam-se leituras descontextualizadas, sem conexão com a realidade do aluno. De acordo com Moraes, nos métodos tradicionais de alfabetização:

o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicações sobre as relações entre letras e sons), que através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre letra e som), passariam a ser suas. A aprendizagem é vista como um processo de simples acumulação das informações recebidas do exterior, sem que o sujeito precisasse, em sua mente, reconstruir esquemas ou modos de pensar, para poder compreender os conteúdos (sobre e sons) que alguém (a escola, a professora) estava lhe transmitindo (MORAIS, 2012, p.27).

Nesse contexto, as crianças eram alfabetizadas, mas a intenção era apenas a aquisição da leitura e escrita, não havia reflexão ou compreensão sobre essas práticas.

Devido à grande dificuldade em alfabetizar, historicamente muito se tem discutido a respeito dos métodos utilizados, surgindo questionamentos sobre um método único e disputas em relação aos métodos aplicados.

Os grupos de métodos mais utilizados e conhecidos compreendem o sintético e o analítico. No sintético parte-se dos elementos menores da palavra (letras, sílabas e fonemas), e no analítico parte-se do todo (palavra, sentença ou histórias) para unidades menores.

No grupo dos métodos sintéticos, encontram-se os alfabéticos, os silábicos e os fônicos. De acordo Moraes,

o grupo de métodos sintéticos, que historicamente, tem sido muito mais influência na alfabetização praticada nas escolas brasileiras. Nesse grupo estão três correntes ou tipos de métodos principais: os alfabéticos, os silábicos e os fônicos. Todos pressupõem que o aprendiz deve partir de unidades linguísticas menores (letras, sílabas ou fonemas) e, na ótica de aprendizagem acumulativa, ir fazendo sínteses ou “somando os pedaços”, para poder chegar a “codificar” e decodificar unidades maiores que as primeiras que aprendeu (MORAIS, 2012, p.28).

No método alfabético, primeiramente, o aluno deveria aprender o alfabeto decorando os nomes das letras, para depois junta-las em sílabas, e então formar palavras (FRADE, 2005).

Outro método do grupo sintético é o silábico. Primeiramente, a criança começaria a aprender o nome das letras, depois iria juntá-las formando as sílabas, somente depois de decorar as famílias silábicas é que começaria a ler palavras, para assim ler sentenças e textos. Partindo dessa forma do mais simples para o mais complexo. Segundo Frade:

Um outro método de marcha sintética, que vai das partes para o todo, é o da silabação. No método silábico, a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba. No entanto, em várias cartilhas, o trabalho inicial centra-se nas vogais e seus encontros, como uma das condições para a sistematização posterior das sílabas (FRADE, 2005, p.27).

Esse método também é muito conhecido como “ba-be-bi-bo-bu”. Morais destaca que:

Por trás dos métodos silábicos (“BA-BE-BI-BO-BU..BÃO”), está a crença de que o aprendiz não só compreenderia que algumas poucas letras juntas substituem sílabas das palavras que falamos, mas que ele acreditaria que coisas escritas apenas com duas letras poderiam ser lidas. Decorando as sílabas e “juntando-as”, ele chegaria a ler palavras e ... um dia ele leria textos (MORAIS, 2012, p. 29)

Cagliari também aborda essa questão dos métodos tradicionais das cartilhas. Segundo o autor, até nos dias de hoje professores utilizam esses livros, muitas vezes com uma roupagem nova, ou até mesmo preparam seu próprio material baseado nos métodos da cartilha. Cagliari afirma:

Como é constituído de letras, nosso sistema de escrita tem como chave de decifração o princípio acrofônico associado aos nomes das letras. Partir daí para palavra-chave é um pequeno pulo. Como as letras representam consoantes e vogais, nada mais natural do que estudar o processo de alfabetização através da sílaba. Foi assim que surgiu o interesse pelo bá-bé-bi-bó-bu. É por isso que muitos professores não veem outra saída para ensinar a ler e a escrever, a não ser com o bá-bé-bi-bó-bu (CAGLIARI, 1998, p.81).

Outro método tradicional é o fônico. Trata-se de um método sintético, que aborda a relação entre sons e grafemas, pois de acordo com os defensores deste, as letras não correspondem ao som representado, assim cada letra possui uma

representação fonética. Dessa forma, as crianças decorariam os fonemas isolados e as letras correspondentes, para depois juntá-las e fazer a leitura fonema-grafema.

Dentre os métodos analíticos, os principais são: a palavração, a sentencição e o método global de contos. Neste grupo, trabalha-se primeiramente as unidades maiores, para se chegar às unidades menores. Dessa forma, iniciaria o ensino da leitura e escrita através de textos ou sentenças, pois assim teria mais significado para as crianças. Frade afirma:

está presente nesse movimento metodológico a defesa do trabalho com sentido, na alfabetização. Assim, esses métodos buscam atuar na compreensão, por entenderem que a linguagem escrita deve ser ensinada à criança respeitando-se sua percepção global dos fenômenos e da própria língua. São tomadas como unidade de análise a palavra, a frase e o texto. Esses métodos supõem que, baseando-se no reconhecimento global, como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente, um processo de análise de unidades menores da língua (FRADE, 2005, p.22).

Um dos métodos analíticos é o de palavração. Segundo Morais (2012, p.30), “durante um longo período (por exemplo, um semestre letivo), os alunos são ensinados a identificar e copiar um repertório de palavras para só depois, começarem a partir as palavras em sílabas, e as sílabas em letras ou fonemas”. Dessa maneira, inicia-se pela leitura de palavras, para depois analisar suas unidades menores, letras e fonemas.

No ensino que parte das palavras, coloca-se a criança diante de um conjunto de palavras que elas reconhecem globalmente, através da memorização, e, aos poucos, quando a criança aprende uma pequena quantidade de palavras, essas são apresentadas em combinações diferentes para construir sentenças significativas. Após as crianças dominarem um conjunto de palavras de forma estável, passa-se a enfatizar que os símbolos das letras representam determinado som específico. Cada fonema passa a ser trabalhado até que a criança se torne capaz de operar conversões letras-sons de maneira quase automática. (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 20-21).

Na sentencição, as crianças memorizam frases para a partir delas analisarem as palavras e depois unidades menores, como as sílabas e letras (MORAIS, 2012).

O método global de contos ou historietas difunde que a alfabetização deve partir de textos (contos e histórias), e somente depois trabalhar as frases isoladamente, seguidas por palavras, sílabas e letras. Segundo Frade, esse método:

parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguido do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente de sílabas. Aqui, não estamos falando de um processo sequencial e simultâneo entre essas fases. Tomando como foco o sentido o professor encaminhava o processo utilizando-se por um período, de textos complexos das várias lições seguidas. Somente após esse convívio maior com o texto é que viria uma forma de decomposição, mas com cuidado de fragmentá-lo em parcelas maiores: primeiro a sentença e depois as palavras (FRADE, 2005, p. 35).

Nesse sentido, o foco inicial era o texto, somente depois de lidos e memorizados, partia-se para as unidades menores.

A partir da publicação do livro “Psicogênese da língua escrita”, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em 1979, um novo olhar se formou em torno da alfabetização, trazendo assim um entendimento diferente sobre a forma da criança aprende a ler e escrever. Nessa obra as autoras demonstram como ocorre o processo de aquisição da leitura e escrita. Azenha afirma:

as investigações de Ferreiro articulam-se para demonstrar a existência de mecanismo do sujeito do conhecimento (sujeito epistêmico), que, na interação com a linguagem escrita (objeto de conhecimento), explicam a emergência de formas idiossincráticas de compreender o objeto. Em outras palavras, as crianças interpretam o ensino que recebem, transformando a escrita convencional dos adultos. Sendo assim, produzem escritas diferentes e estranhas. Essas transformações descritas por Ferreiro são brilhantes exemplos dos esquemas de assimilação piagetianos (AZENHA, 1997, p. 36).

Nessa perspectiva, Ferreiro e Teberosky, percebiam os erros recorrentes das crianças durante a aquisição da leitura e escrita, como parte do processo de compreensão da linguagem escrita. A partir desse pressuposto, foram estabelecidos níveis e fases desse processo, ou hipóteses elaboradas pelas crianças.

Assim, passou-se a perceber que as crianças que estão aprendendo a ler e escrever não são sujeitos passivos, que apenas agregam os conhecimentos vindos do exterior, mas são sujeitos pensantes que refletem e, assim, passam por um processo de evolução da escrita. Segundo Ferreiro e Teberosky:

pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitos caminhos. Que, além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou maldisposto a

adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.13).

Apesar das grandes contribuições de Ferreiro e Teberosky, em relação a aquisição da leitura e escrita, houve equívocos por parte de pesquisadores e educadores que começaram a acreditar que se a criança estivesse em um ambiente alfabetizador, já seria suficiente para ela se alfabetizar. E, que utilizar métodos tradicionais de alfabetização seria um retrocesso. De acordo Soares:

a perspectiva psicogenética: alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita – concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados “tradicionais” – e passa a sujeito ativo capaz de progressivamente (re)construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material “para ler”, não com material artificialmente produzido para “aprender a ler” (SOARES, 2004, p.11).

Nesse sentido, a autora destaca que

para a prática da alfabetização, tinha-se, anteriormente, um método, e nenhuma teoria; com a mudança de concepção sobre o processo de aprendizagem da língua escrita, passou-se a ter uma teoria, e nenhum método (SOARES, 2004, p.11).

Soares ainda afirma que para alfabetizar é necessário adotar uma dinâmica sistemática de ensino.

Para mudar o quadro de analfabetismo no país, é importante que haja uma reflexão a respeito da prática. Não se trata de uma coisa ou outra, mas buscar alfabetizar e letrar de forma indissociável, sempre levando diversos portadores de gêneros textuais para a sala de aula, e dessa forma trabalhar com diversos tipos de textos como: jornais, revistas, livros, parlendas, panfletos, bulas e tantos outros. Assim, fazendo ligação entre a alfabetização com o contexto social as aprendizagens dos alunos podem ocorrer de forma significativa.

2.5 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Sabe-se da grande importância da profissão de professor para a educação e conseqüentemente para a sociedade como um todo. Nesse contexto, uma formação inicial bem sólida é de suma importância para proporcionar uma educação de qualidade. Segundo Imbernón (2002, p.58) “a formação inicial deve fornecer as bases para poder construir esse conhecimento pedagógico especializado.” O autor ainda afirma:

dotar o futuro professor ou professora de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal deve capacitá-lo a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários. (IMBERNÓN, 2002, p.60,).

Todavia, a formação inicial não é suficiente para atender as diferentes demandas que surgem na trajetória pedagógica do professor, e investir na formação continuada o ajudar a adquirir novos conhecimentos, além de proporcionar uma reflexão maior sobre sua práxis. Para Imbernón:

A formação permanente do professor deve ajudar a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para ser capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; comprometer-se com o meio social (IMBERNÓN, 2002, p.69,).

Nesse sentido a formação permanente do professor possibilita enriquecer o seu fazer pedagógico interligando os conhecimentos obtidos ao contexto de seus alunos, refletir sobre sua prática buscando a resolução de problemas enfrentados em sala de aula, além de desenvolver habilidades a fim de contribuir com o trabalho e a qualidade da educação. O trabalho docente inclui uma permanente busca de conhecimentos e aprendizagens, pois aprender também faz parte da prática do professor e está intrinsecamente ligada a aprendizagem do aluno.

CAPÍTULO II

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 PESQUISA DE ABORDAGEM QUALITATIVA

O presente trabalho teve como objetivo conhecer as metodologias utilizadas por uma professora de 1º ano do ensino fundamental, em uma escola pública do município de Luís Eduardo Magalhães-Bahia. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, do tipo estudo de campo, pois realizamos a visita *in loco*, durante a qual observamos a professora alfabetizadora durante as aulas e aplicamos um questionário.

Segundo Minayo (2002, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não se pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ainda de acordo com Minayo (2002, p. 22):

Enquanto cientistas sociais trabalham com estatísticas apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta” a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Nesse sentido, devido à grande importância da alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscamos através da abordagem qualitativa compreender como é dado esse processo, no que se refere à metodologia utilizada pela docente. Através da observação em sala de aula, objetivamos conhecer a relação estabelecida entre a professora e os alunos, os procedimentos metodológicos utilizados pela docente, o ambiente em que esses alunos estavam inseridos e os recursos metodológicos que a professora utilizava como meio de facilitar o aprendizado, com o objetivo de alfabetizar os alunos.

Segundo Neto, “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos, não só uma aproximação daquilo que desejamos conhecer e

estudar, mas também de criar conhecimento partindo da realidade presente no campo” (2002, p. 51). Por esta razão, optamos para além da pesquisa bibliográfica, realizar o trabalho de campo como meio de vivenciar a prática da alfabetização, conquistando assim um conhecimento mais amplo desse processo.

No primeiro momento visitamos a escola participante e expomos nossa pesquisa à coordenação e direção da escola. Após esse primeiro contato, a coordenadora pedagógica apresentou as professoras que compõem o quadro docente e que trabalhavam com o 1º ano. Tomando como base as informações coletadas a respeito da experiência das educadoras optamos pela participante do presente trabalho.

Iniciamos as observações da pesquisa e após uma breve conversa com a docente abordamos o tema e objetivo da pesquisa. A professora participante concordou em participar e autorizou as observações em sala.

Durante os dois meses de observação, acompanhávamos as aulas aplicadas pela professora regente, para melhor compreender a rotina da turma e coletar os dados fidedignos seguíamos um roteiro de observação registrando como se dava a relação da professora com os alunos, as atividades aplicadas, os procedimentos utilizados pela docente e a contextualização dos conteúdos, dentre outros. Através desse roteiro buscávamos um olhar mais reflexivo, escrevendo os referidos acontecimentos para assim posteriormente melhor analisar os dados. Guerra ressalta:

a observação exige um contato face a face do pesquisador com o seu objeto de estudo. Da mesma forma que ocorre com as entrevistas, no caso da observação, não será o número de observações realizadas que define a credibilidade dos dados de uma pesquisa, mas sim a profundidade e a amplitude alcançadas ao longo do processo de coleta de dados (GUERRA, 2014, p. 28).

Para além desse recurso, utilizamos o questionário com o objetivo de melhor compreender a percepção da educadora referente a sua prática, experiência e dificuldades encontradas no percurso de ensino-aprendizagem.

A partir dos dados coletados e devidamente registrados analisamos os resultados levando em consideração toda vivência durante a presente pesquisa com o intuito de aprofundarmos mais na temática apresentada.

3.2 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A realização desta pesquisa de campo foi em uma escola da rede pública municipal de Luís Eduardo Magalhaes-BA. O seu horário de funcionamento é nos turnos matutino e vespertino. Atende a um público de aproximadamente 865 crianças, distribuídas em 32 turmas, da pré-escola ao 5º ano, na faixa etária de 04 a 14 anos.

A instituição foi fundada no dia 11 de janeiro de 2016, com o objetivo de atender às crianças do bairro onde fica localizada, assim como dos bairros em seu entono. O quadro de funcionários é composto por uma diretora, uma vice-diretora, 2 duas coordenadoras, sendo uma para Educação Infantil e a outra do Fundamental I.

Também fazem parte do corpo funcional, uma secretária, duas assistentes administrativas, trinta e dois professores, quatro monitores, uma cozinheira, uma auxiliar de cozinha, quatro funcionários de serviços gerais e quatro guardas que trabalham em regime de escala.

Algumas crianças que frequentam a escola também possuem algum tipo de deficiência ou transtorno, alguns têm TDAH (Transtornos de Déficit de atenção e Hiperatividade) e há ainda alguns alunos com Síndrome de Down, autismo e deficientes intelectuais. Os casos mais severos são acompanhados por monitores educacionais.

A escola atende a uma clientela oriunda de classe baixa, que tem renda familiar principalmente beneficiários do bolsa família, funcionários do comércio, trabalhadores de fazendas e empregadas domésticas. A instituição atende a população de três bairros, com o mesmo perfil de clientela, sendo dois deles, bairros de casas populares do Programa Habitacional do Governo Federal (Minha Casa Minha Vida). A comunidade fica localizada na periferia da cidade, apresentando algumas necessidades básicas como falta de lazer, segurança pública e infraestrutura.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A participante da pesquisa foi uma professora do Ensino Fundamental I, atuante no 1º ano do Ciclo Básico de alfabetização, com mais de onze anos de atuação como docente.

A turma na qual a professora atua e onde foi realizada a observação é composta por 25 alunos, dentre eles uma criança com autismo que é acompanhada por uma monitora educacional (estudante do curso de Pedagogia).

Decidimos por essa docente devido a sua trajetória na educação, e experiência em classes de alfabetização. Outro fator importante que nos fez optar por essa educadora foi a receptividade e prestatividade com que nos recebeu e se dispôs a nos ajudar nessa jornada de aquisição de conhecimento.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Em termos de procedimentos metodológicos, utilizamos para a coleta de dados um roteiro de observação e um questionário elaborado pelas próprias pesquisadoras. De acordo Neto:

a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (NETO, 2002, p. 59 - 60).

Nesse sentido, buscamos nos inserir no contexto da sala de aula para vivenciar o cotidiano de uma turma que está sendo alfabetizada, verificando quais os procedimentos metodológicos utilizados pela docente para esse fim. Para relatarmos de forma mais fidedigna a realidade encontrada, utilizamos um roteiro de observação de forma a nos orientar a respeito do caminho a percorrer, incorporando assim um rigor científico. Segundo André:

na perspectiva das abordagens qualitativas não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos com a justificativa de cada opção feita (ANDRÉ, 2013, p. 96).

Segundo Gil (2008, p. 104) “Na observação sistemática o pesquisador precisa elaborar um plano que estabeleça o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações”. Nesse contexto, buscamos seguir um roteiro com o objetivo de focar em certos aspectos durante o processo de alfabetização no dia a dia da sala de aula, enriquecendo desse modo o presente trabalho.

Durante as observações inclinamos um olhar mais atento para os seguintes momentos: acolhimento; momento de leitura; interação aluno-professora; planejamento; metodologias aplicadas, rotina, atividades propostas para aquisição do Sistema de escrita alfabética (SEA), participação do alunos nessas atividades, dificuldades evidenciadas pelos alunos, dificuldades evidenciadas pela professora, interdisciplinaridade; atividades lúdicas (jogos e brincadeiras que estimulamos processos de alfabetização); uso de materiais gráficos diversos (livros-didático, livros paradidáticos, revistas, jornais, cartazes, rótulos e outros portadores de textos etc).

Além da observação, aplicamos um questionário à educadora com 09 questões, dentre elas 05 dissertativas e 04 objetivas. De acordo Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (GIL, 2008, p. 121).

Ainda segundo Gil:

Em relação à forma, podem ser definidos três tipos de questão: fechadas, abertas e dependentes. Nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. [...] Nas questões fechadas, pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista. São as mais comumente utilizadas, porque conferem maior uniformidade às respostas e podem ser facilmente processadas (GIL, 2008, p. 122 e 123).

Nesse contexto, o questionário foi de fundamental importância para coletarmos diversas informações, assim como compreender melhor as aspirações, experiências e anseios enfrentarmos pela educadora.

3.5 ÉTICA EM PESQUISA

Durante o presente trabalho, contamos com a participação de uma professora de Ensino Fundamental, no qual nos concedeu a permissão para a observação em suas aulas, assim como colaborou respondendo o questionário. Possibilitando assim a coleta de levantamentos de dados necessários para realização da pesquisa.

Nesse sentido, seguimos as normativas éticas de proteção de participantes de pesquisas. De acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde: “a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante” (2016, p. 01)

Ainda segundo a citada Resolução, considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, “esta deve ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes” (BRASIL, RESOLUÇÃO 510, 2016, p.01).

A Resolução prevê a garantia do consentimento dos participantes das pesquisas, que devem ser esclarecidos sobre o sentido e implicações do estudo, bem como a confidencialidade das informações e a privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade.

Em vista disso, buscamos respeitar a privacidade da participante e proteger suas informações pessoais, firmando assim uma relação de confiança entre pesquisador-pesquisado. Diante disso, a participante estava ciente e autorizou a pesquisa ciente dos fins dessa.

CAPÍTULO III

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A presente pesquisa foi realizada em uma sala de aula de 1º ano do ensino fundamental, na qual realizamos observações das aulas de uma professora alfabetizadora, por um período de dois meses. Durante esse período, seguimos um roteiro de observação para nos orientar quanto ao foco da pesquisa.

Para além do roteiro de observação, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário com nove questões, dentre elas cinco abertas e quatro fechadas, que nortearam o nosso trabalho, pois através dele obtivemos a percepção da entrevistada referente ao processo de alfabetização e os procedimentos metodológicos utilizados para esse fim.

A primeira pergunta foi objetiva, abordando a importância de formação continuada: **“você considera importante a formação continuada (aperfeiçoamento) dos professores alfabetizadores?”** A opção assinalada pela docente foi “sim, totalmente”. Baseado em sua resposta é notável que há um entendimento, por parte da professora pesquisada, de que o resultado esperado em relação a aprendizagem do aluno está relacionado ao professor se manter atualizado e dar continuidade à sua formação profissional.

A continuidade dos estudos e aperfeiçoamento dos conhecimentos é de suma necessidade, para que o profissional acompanhe as mudanças sociais e tecnológicas em que seu alunado está inserido, agregando assim essas atualizações no processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente no processo de alfabetização. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa. Investir no desenvolvimento profissional dos professores é também intervir em suas reais condições de trabalho (BRASIL, 1997, p. 25).

A segunda questão, também fechada, indagou: **“qual foi a última formação/ curso de aperfeiçoamento voltado para a alfabetização que você fez?”** A

educadora informou que sua última formação foi há menos de 1 ano, e acrescentou que no momento estava realizando mais uma.

Percebemos, assim, a coerência em suas respostas, visto que como na primeira questão informou que considera importante a formação continuada, a entrevistada investe em sua carreira profissional, buscando novos conhecimentos que agregam aperfeiçoamento ao seu modo de ensinar e alfabetizar. A formação do professor está intrinsicamente ligada a qualidade de educação.

Na questão três, aprofundamos mais no assunto por meio de uma questão dissertativa (aberta): **“caso tenha feito algum curso de aperfeiçoamento/formação voltado para a alfabetização fale das contribuições deste para sua atuação”**. Segundo a professora “a atenção aos avanços, a qualidade dos conteúdos adequando-as a realidades dos alunos”, foram as principais aquisições em suas formações continuadas”.

De acordo com a percepção da educadora, é preciso estar atenta aos avanços sobre estudos voltados à educação escolar, assim como adequar os conteúdos à realidade de seus alunos. Isso demonstra que alfabetizar não se resume a conhecer métodos e procedimentos, mas utilizar esses saberes e adequá-los, levando em consideração o nível de aprendizagem e limitações dos alunos, respeitando também aqueles que possuem algum tipo de dificuldade. A formação continuada também expande possibilidades, pois em uma sala de aula os alunos não estão em um nível homogêneo. Segundo Silva

a formação continuada de professores deve incentivar a sua apropriação do saber rumo à autonomia, e levar a uma prática crítico-reflexiva, abrangendo a vida cotidiana da escola e o saber derivado da experiência docente. (SILVA, 2007, p.99).

Na quarta questão, **O que você entende por alfabetização e letramento?** A professora afirmou que “a alfabetização é o processo de aprender a ler e escrever. Letramento é o resultado do ler e do escrever usando-as no dia a dia”. Com base na resposta e nas observações feitas na sala de aula, a educadora entende que letramento e alfabetização apesar de serem indissociáveis, são elementos diferentes.

Soares ressalta:

alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. (SOARES, 2004, p.98).

Saber diferenciar e compreender a função de ambos é necessário para realizar um trabalho mais consciente, pois segundo Soares (2004), a confusão entre os dois termos têm sido um dos fatores que têm contribuído para o fracasso escolar e os problemas de alfabetização.

Compreender ambos os fenômenos são de suma importância, porém isso não significa que devem ser trabalhados de forma separada, pois estes são indissociáveis. Para Soares (2004, p. 98), “a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento”. Nesse sentido, para que os alunos sejam alfabetizados e tenham domínio da leitura e escrita em práticas sociais, as atividades alfabetizadoras devem ser elaboradas e aplicadas a fim de contemplar ambos os fenômenos.

Durante as observações, constatamos que a professora busca inserir atividades sistemáticas de alfabetização, mas sempre fazendo relações com situações cotidianas, favorecendo o letramento. Dentre algumas delas, citamos o trabalho diário com o alfabeto móvel, ditados, atividades que utilizam os nomes das crianças como base, brincadeiras que envolvem a leitura e a escrita, caça-palavras entre outras. Para além do trabalho com a leitura e a escrita, a professora trabalha com textos de gêneros variados como contos de fadas, receitas, listas diversas, músicas, parlendas, trabalhos com placas de sinalizações, buscando sempre atrelar com o contexto e realidade dos seus alunos.

Na quinta questão, **Qual(is) procedimentos metodológico(s) você utiliza para alfabetizar?** a docente afirmou que utiliza “brincadeiras: caixa que passa, caixa surpresa, estoura balão, dentre outras; músicas, alfabeto móvel, fichas.”

Por se tratar do ensino de crianças, a ludicidade é um fator indispensável na realização das atividades, pois através do lúdico as crianças aprendem com mais facilidade e desenvolvem suas potencialidades. Para Ferro e Viel:

estar em constante aperfeiçoamento, refletindo e inovando suas metodologias são pontos positivos na prática pedagógica docente. Nessa perspectiva, ressalta-se que cabe ao professor conduzir o aluno na obtenção do conhecimento, planejando um ensino dinâmico e motivador, atraindo o aluno para as aulas e despertando o gosto em aprender (2019, p.110).

Na sexta questão **“Você considera importante o uso de um método específico para alfabetizar?”**, a educadora não considera importante o uso de um método específico.

Para Soares:

os conhecimentos que atualmente esclarecem tanto os processos de aprendizagem quanto os objetos da aprendizagem da língua escrita, e as relações entre aqueles e estes, evidenciam que privilegiar uma ou algumas facetas, subestimando ou ignorando outras, é um equívoco, um descaminho no ensino e na aprendizagem da língua escrita, mesmo em sua etapa inicial (SOARES, 2004b, p.100).

Nesse sentido, utilizar de diferentes metodologias no processo de alfabetização diferente do que se tem difundido, pode ser um caminho metodológico no ensino da leitura e escrita. Conforme as observações realizadas, a professora participante varia nos procedimentos em sala de aula. Dentre os métodos utilizados, destaca-se o sintético, no qual emprega o alfabético e a silabação. Com base nas observações notamos que soletrar o alfabeto para conhecimento dos nomes das letras e sua grafia faz parte da rotina diária da turma. Além dessa atividade oral, a professora aplica atividades escritas fotocopiadas, atividades no quadro e uso de recursos como alfabeto móvel para fixar a memorização das letras.

Em outros momentos da rotina, os alunos fazem a leitura, juntamente com a professora, das famílias silábicas, o que condiz com o método de silabação, além do trabalho oral a educadora também realiza atividades escritas. Percebemos também, em algumas atividades, a utilização do método analítico, partindo do texto, após a leitura e trabalho, palavras chaves eram destacadas para posteriormente serem trabalhadas.

Na sétima questão indagamos **“que tipo de atividades você costuma aplicar, visando a aquisição do sistema de escrita alfabética pelo aluno? (Cite pelo menos 04 atividades)”**, segundo a docente “produção por meio de imagens, caça palavras, interpretação de textos diversos, função das sílabas”, são algumas das atividades aplicadas visando a aquisição do SEA.

Isso foi confirmado durante as observações, pois a educadora buscava diversificar nas atividades de alfabetização propostas, visando promover o desenvolvimento dos alunos na leitura e escrita. Em meio aos materiais que notamos a professora utilizar estavam textos de diversos gêneros, como receitas, textos informativos, trabalho com placas de sinalização, contos de fadas, parlenda, trava-língua, dentre outros, ou seja a educadora fazia uso de textos reais que fazem parte das práticas efetivas de leitura e escrita. Com isso, o trabalho era pensado e realizado por meio de uma perspectiva de alfabetizar letrando.

Na oitava questão perguntamos à educadora **“você utiliza atividades lúdicas (jogos, brincadeiras) que envolvam leitura e escrita?”**, dentre as respostas fechadas a referida assinalou “sim, pelo menos 2 vezes por semana”. Entendemos que o brincar faz parte do desenvolvimento infantil, é brincando que a criança aprende e desenvolve suas potencialidades, no fazer pedagógico não é diferente, através de jogos e brincadeiras intencionais os educandos assimilam os conteúdos com mais facilidade e de uma forma mais prazerosa possibilitando assim uma aprendizagem mais significativa. Para Ferreiro e Viel:

o lúdico tem se tornado uma metodologia aliada à prática docente e se faz importante para o desenvolvimento total da criança, pois além de aguçar a curiosidade, instigar o raciocínio e a concentração propicia principalmente uma melhor interatividade entre alunos e entre professores e alunos, tornando a aprendizagem mais significativa. Dessa forma as crianças utilizam através dos jogos, a imaginação e a criatividade, testando sua agilidade, memória, raciocínio, além de estarem interagindo com o mundo em sua volta desenvolvendo assim aspectos cognitivos e sociais (FERREIRO; VIEL, 2019, p. 110).

Percebemos durante o tempo de observação que a brincadeira fazia parte do planejamento da professora. Algumas das atividades que presenciamos consistia em um jogo, no qual a turma foi dividida em dois grupos que ficavam enfileirados sendo cada equipe em uma das filas, com uma certa distância estavam dispostas duas cadeiras (uma para cada equipe), e nessas cadeiras encontravam-se algumas palavras chaves retiradas de um texto que já tinha sido devidamente trabalhado anteriormente. A brincadeira consistia em que cada membro da equipe corresse até as cadeiras, pegasse uma palavra e fizesse a leitura, após, corria novamente para o fim da fila e o próximo colega de equipe dava sequência. Ganhava, a equipe em que todos os integrantes fizessem a leitura primeiro.

Eram notórios a alegria e entusiasmo das crianças em participar dessa atividade, porém como já citado, no contexto escolar, o brincar não é apenas uma forma de passar o tempo, mas uma metodologia diferenciada com intuito e objetivos bem definidos. Isso ficou evidente na intermediação da professora durante as atividades propostas, pois durante a leitura das palavras ela buscava ajudar as crianças com dificuldades, fazendo os pequenos refletirem sobre a escrita.

Muitas outras brincadeiras e jogos foram presenciados, todos estavam de acordo com os conteúdos planejados e contextualizados com o projeto da escola, confirmando de fato a fala da professora.

Para finalizar o questionário na nona questão indagamos: **“quais são as principais dificuldades que você encontra no processo de alfabetizar?”** De acordo com a professora “sala cheia, falta de compromisso das famílias, alunos vindos da educação infantil sem o preparo adequado”, são segundo seu modo de ver, as principais dificuldades.

Nessa perspectiva, os problemas citados pela educadora, não são de ordem metodológicas, mas fatores externos que advém da falta de investimento do governo, que acarreta as salas cheias, alunos com uma base anterior inconsistente, até a questão familiar que por vezes deixa a desejar por falta de compromisso com a educação escolar das crianças.

Com base nas análises realizadas, podemos perceber que a docente compreende os conceitos de alfabetização e letramento e busca, em sua *práxis*, inserir atividades que contemplem ao mesmo tempo a alfabetização (aquisição da leitura e escrita) e o letramento (fazer uso competente nas situações sociais). A educadora também não acredita no uso de uma única metodologia e por essa razão varia em seus procedimentos metodológicos mesclando métodos sintéticos e analíticos.

No planejamento das atividades a professora propicia atividades contextualizadas, trabalhando ao mesmo tempo os conteúdos propostos e os adequando ao contexto de seus alunos. Além de criar momentos com brincadeiras e jogos lúdicos facilitando a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar os procedimentos metodológicos utilizados por uma professora de 1º ano, para compreendermos como o processo de alfabetização ocorre. Durante a realização da pesquisa, acompanhamos o dia a dia da sala de aula de uma professora alfabetizadora e sua turma de 25 alunos, observando a interação da educadora com seus alunos, o planejamento das aulas, os procedimentos metodológicos utilizados, as atividades aplicadas e o uso do lúdico nas práticas propostas.

Durante a realização da pesquisa buscamos abordar a importância da leitura e escrita, assim como trazer um breve histórico de sua evolução. O ser humano é um ser social e para tanto sente a necessidade de socializar e se comunicar, dessa maneira a oralidade deixou de ser a única forma de se comunicar e expressar suas necessidades e sentimentos.

Nesse contexto, a leitura e escrita passaram a fazer parte da vida e do cotidiano das sociedades. Mas, para que todos os cidadãos dominem essas técnicas e façam uso em suas práticas sociais, o ensino sistematizado e bem planejado faz-se necessário para a sua aquisição.

Baseando nessa afirmativa, ao longo da história diversos métodos de alfabetização, foram sendo propostos com o objetivo de ensinar a leitura e a escrita, cada método novo era considerado melhor e ideal, e métodos anteriores eram então vistos como ultrapassados e ineficazes.

Nos métodos conhecidos como tradicionais, a alfabetização era focada apenas na aquisição da leitura e escrita, utilizando de textos artificialmente construídos e fora de contexto de forma repetitiva e sem reflexão sobre a língua, todavia, esse modo de alfabetizar já não dava conta da realidade atual, e um novo conceito foi atrelado ao de alfabetização, pois além de ler e escrever, o sujeito precisa saber fazer uso dessas habilidades em práticas reais de leitura, visto que as sociedades possuem uma diversidade de gêneros textuais e usos da linguagem escrita, surgindo então o termo letramento.

Nesse sentido, alfabetizar letrando tem se tornado um desafio para as escolas brasileiras, e os professores têm um papel fundamental nesse processo. Superar as dificuldades encontradas, o fracasso escolar e fazer com que as crianças aprendam de forma significativa, têm sido o objetivo dos educadores.

Segundo pesquisas e estudos, um dos muitos fatores que têm levado ao fracasso escolar tem relação com os métodos de alfabetização. Seguindo essa afirmativa, decidimos pesquisar quais são os procedimentos metodológicos utilizados pela educadora pesquisada, afim de compreendermos como ocorre o processo de aquisição do sistema e de escrita alfabética, conhecer as principais metodologias de alfabetização e identificar as metodologias utilizadas pela professora.

Por fim, após um período de observação participante e questionário aplicado à docente podemos notar que a educadora utilizava não apenas um procedimento metodológico, mas buscava em sua práxis contemplar diferentes metodologias no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre as metodologias identificadas, destacou-se o sintético, no qual a professora utilizava o método alfabético e a silabação. Durante as aulas ministradas, o trabalho com o alfabeto era algo rotineiro, pois além de soletrar o nome das letras o reconhecimento de sua grafia eram tarefas constantes na rotina. Materiais concretos também eram utilizados nesse momento, como alfabeto móvel e fichas contendo as letras e fichas com os nomes das crianças, as tarefas escritas também faziam parte do trabalho como forma de fixação do conteúdo.

Outro método identificado foi o uso da silabação, todavia além de cartazes com as famílias silábicas expostos pela sala, o trabalho oral com elas era outro momento rotineiro da turma. Do mesmo modo que no alfabético, a educadora utilizava de recursos concretos como fichas contendo as sílabas, tarefas escritas e utilizava alguns textos buscando destacar as sílabas que estavam sendo trabalhadas.

Além dos métodos sintéticos, em alguns momentos notamos que a professora optava pelo trabalho com o método analítico partindo do trabalho com o texto, para então destacar palavras chaves. Percebemos em suas aulas que ao utilizar os textos, sempre buscava inserir uma diversidade de gêneros textuais que fazem parte de práticas reais de leituras. Dentre os gêneros utilizados observamos: receitas, poemas, cartas, convites, contos de fadas, fábulas, parlendas, dentre outros.

O uso do lúdico era um recurso muito utilizado durante a realização de certas tarefas ou até mesmo como meio de reforçar conteúdos já trabalhados. Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental atendem normalmente crianças de 6 a 8 anos de idade, nesse sentido o brincar está muito ligado ao desenvolvimento cognitivo,

motor e emocional dos pequenos. Destarte, promover brincadeiras e jogos interligados aos conteúdos possibilita o desenvolvimento integral da criança e um aprendizado mais significativo.

Outro ponto levantado foi o fator da formação continuada de professores, visto que a aprendizagem é um fenômeno que acontece ao longo da vida, continuar os estudos e investir na carreira profissional é de vital importância para o trabalho do professor. Nesse sentido, questionamos a educadora se ela considerava isso importante, de acordo com sua resposta, ela acredita que permanecer se qualificando e buscar conhecimentos frente as novas tecnologias é de suma necessidade para realizar um trabalho satisfatório, agregando assim novos conhecimentos ao processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, para finalizamos nossa pesquisa questionamos à educadora quais eram, em sua visão, as maiores dificuldades encontradas para alfabetizar os alunos. Segundo a professora as maiores dificuldades enfrentadas eram “sala cheia, falta de compromisso das famílias, alunos vindos da educação infantil/ pré-escola sem o preparo adequado”. De acordo com sua fala, os procedimentos metodológicos não foram fatores que contribuíram para a dificuldade em alfabetizar, pois segundo a sua experiência profissional, utilizar métodos mistos têm surtido resultado significativos na hora de alfabetizar.

Desse modo, neste estudo constatamos que todos os métodos, cada um com sua especificidade, pode contribuir para a aquisição da leitura e da escrita, e que como afirma Soares (2004, b), privilegiar um desmerecendo ou subestimando os demais é um equívoco e um descaminho. Para conseguirmos superar as dificuldades de alfabetização referente aos métodos, devemos buscar articular os saberes, além de proporcionar uma alfabetização atrelada ao letramento, fazendo, assim, uso competente da língua escrita, pois apesar de serem fenômenos distintos são indissociáveis e interdependentes.

É sabido que a alfabetização é de suma importância para a vida em sociedade, e que em nosso país ainda enfrentamos grandes dificuldades para alfabetizar de forma significativa. Alguns fatores apontados pela entrevistada, como o problema de salas de aulas com excesso de crianças, a etapa de educação infantil mal trabalhada e o descaso de algumas famílias em relação à educação escolar do(a) filho(a), são fatores que necessitam de um olhar mais reflexivo.

Para mudarmos o quadro de fracasso escolar em nosso país, devemos nos aprofundar nos estudos de diferentes fatores causadores dessa problemática e buscar soluções práticas que mudem essa realidade. Vale ressaltar que educadores e alunos são atores principais nesse contexto, e portanto, suas aspirações, experiências e conhecimentos devem ser levados e conta nessa trajetória de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação.** In: Revista em FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. Salvador: 2013.
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro.** São Paulo: 5ª ed. Ed. Ática, 1997.
- BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. **Alfabetização no Brasil: um pouco de história.** Educação em Debate, Fortaleza, ano 39, nº 74 - jul./dez. 2017. Disponível em < ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA | Campanholo Bordignon | Revista Educação em Debate (ufc.br)> Acesso em: 11 Nov. de 2020.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** Ed. Scipione: São Paulo, 1998.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL) **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF, 24 maio 2016.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** São Paulo: Artmed, 1999.
- FERRO, Bruno Rogério; VIEL, Franciele Vanessa. **A importância do lúdico nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.** Revista Científica UNAR (ISSN 1982-4920), Araras (SP), v.18, n.1, p.109-129, 2019. DOI: 10.18762/1982-4920.20190009
- FRADE, Isabel Cristina da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história características e modos de fazer professores.** Belo Horizonte: Caderno do professor. Ceale, 2005.
- FRANCO, Sandra; RAIZER, Cassiana Magalhães. Alfabetização e letramento: novas práticas pedagógicas. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO UEL, 2012, Londrina. Anais eletrônicos... Disponível em: <ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS - (docplayer.com.br)> . Acesso em: 13 de junh. 2021.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as)**. (Org.) MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de, LEAL, Telma Ferraz. In: ALFABETIZAÇÃO: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. **As cartilhas e a história de alfabetização no Brasil**: alguns apontamentos. Revista História da Educação, Pelotas, 2002. Disponível em: <[As cartilhas e a história de alfabetização no Brasil: alguns apontamentos | Maciel | Revista História da Educação \(ufrgs.br\)](#)>. Acesso em: 13 de jun. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. (Org.) In: **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: introdução aos parâmetros curriculares nacionais (Brasil) / Secretaria de. Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetização**: Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar**: um pacto secular. Cadernos Cedes, ano XX, n 41 o 52, novembro/2000.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: 2006.

NETO, Otávio Cruz, **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Org.: Minayo, Maria Cecília de Souza. Petrópolis. Ed. Vozes. 2002.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. de. **João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal.** Revista História da Educação, Pelotas, 1998. Disponível em: <João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal | Oliveira | Revista História da Educação (ufrgs.br)> . Acesso em: 13 de jun. 2021.

SILVA, Everson Melquiades Araújo. **Dispositivos metodológicos para a formação continuada de professores: uma abordagem crítico-reflexiva.** In: Formação continuada de professores / organizado por Andrea Tereza Brito Ferreira, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal . — 1 ed., 2 reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica. 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento:** caminhos e descaminhos. Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora. (b)

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. In: Revista Brasileira de Educação. 2004.

APÉNDICE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IX
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- Acolhimento;
- Momento deleite;
- Interação aluno com professor;
- Planejamento;
- Metodologia aplicada:
 - rotina
 - atividades propostas para a aquisição do SEA
 - participação do alunos nessas atividades
 - dificuldades evidenciadas (pelos alunos)
 - dificuldades evidenciadas (pela professora)
 - interdisciplinaridade
- Atividades lúdicas (jogos e brincadeiras que estimulam os processos de alfabetização);
- Uso de materiais gráficos diversos (livro didático, livros paradidáticos, revistas, cartazes, rótulos, jornais etc.);
- Contextualização dos conteúdos para com o contexto do aluno;



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB / DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS –
CAMPUS IX - COLEGIADO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por finalidade a obtenção de dados para uma pesquisa de campo, com o tema: **“Caminhos para alfabetizar: Procedimentos metodológicos utilizados em duas escolas públicas da região Oeste da Bahia”**, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Essa pesquisa será realizada pelas acadêmicas: Greice Kelle Mendes de Souza e Kaline Machado Barreto; sob orientação da prof.^a: Ma. Emilia Karla Amaral.

CARACTERIZAÇÃO DAS PESQUISADAS

1. Sexo: Feminino () Masculino
2. Tempo de atuação como professor alfabetizador:
() 1 até 5 anos () 6 até 10 anos 11 ou mais
3. Tempo de atuação nessa escola: 2 anos
4. Carga horária de trabalho: 40 h
5. Formação:

() Graduação	() cursando	<input checked="" type="checkbox"/> concluída
() Especialização	() cursando	<input checked="" type="checkbox"/> concluída
() Mestrado	() cursando	() concluído
() Doutorado	() cursando	() concluído

QUESTÕES:

1. Você considera importante a formação continuada (aperfeiçoamento) dos professores alfabetizadores?
 Sim, totalmente () Sim, parcialmente () Não / indiferente
2. Qual foi a última formação / curso de aperfeiçoamento voltado para a alfabetização que você fez?
 Foi há menos de 01 ano () Foi há mais de 01
() Foi há mais de 03 anos () Nunca fiz nenhum curso/formação que fosse específico sobre alfabetização cursando mais um.
3. Caso tenha feito algum curso de aperfeiçoamento/formação voltado para a alfabetização fale das contribuições deste para sua atuação.
A atenção aos avanços, a qualidade dos conteúdos adequando-as a realidades dos alunos.

4. O que você entende por alfabetização e letramento?

Alf. é o processo de aprender a ler e escrever.
 Letramento é o resultado de ler e de escrever usando-os no dia a dia.

5. Qual(is) metodologia(s) você utiliza para alfabetizar?

Brincadeiras - caixa que patina; caixa surpresa; estoura balão dentro outras.
 Músicas
 Alfabeto móvel, fichas.

6. Você considera importante o uso de uma metodologia específica para alfabetizar?

() Sim, considero importante Não, acho importante o uso de metodologias variadas
 () Não sei opinar

7. Que tipo de atividades você costuma aplicar, visando a aquisição do sistema de escrita alfabética pelo aluno? (Cite pelo menos 04 atividades)

Produção por meio de imagens.
 Caca palavras.
 Interpretação de textos diversos
 Jogo de sílabas

8. Você utiliza atividades lúdica (jogos, brincadeiras) que envolvam leitura e escrita?

() Sim, todos os dias Sim, pelo menos 02 vezes por semana
 () Raramente () Não utilizo

9. Quais são as principais dificuldades que você encontra no processo de alfabetizar?

Sala cheia
 Falta de compromisso das famílias
 Crianças vindos da educação infantil/pré escola sem o preparo adequado.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
 AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº92937/86, DOU 18.07.86 – RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº909/95, DOU 01.08.95



Departamento de Ciências Humanas – Campus IX – Barreiras
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a), esta pesquisa é sobre-----
 -----está sendo desenvolvida por-----
 -----do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia
 – UNEB, sob orientação do (a) prof. (a)----- . A
 finalidade deste trabalho é contribuir para-----
 ----- Solicitamos
 a sua colaboração para entrevistá-la (o) e aplicar outros procedimentos pertinentes a essa pesquisa,
 como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo na defesa da monografia,
 eventos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da divulgação dos
 resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Esclarecemos que sua participação no estudo
 é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou
 colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo,
 ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não haverá nenhum inconveniente. Os
 pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em
 qualquer etapa da pesquisa.

 Assinaturas dos pesquisadores (as)

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como
 será minha participação, dos procedimentos deste estudo, declaro o meu consentimento em
 participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam
 utilizados para fins científicos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

 Assinatura do participante da pesquisa ou responsável